

## PARA UM REESTUDO DA HISTÓRIA CAMPINEIRA

Maria Lúcia de Souza Rangel RICCI

Embora publicado há mais de dez anos, julgamos oportuno recordar o quanto significou para um reestudo da história campineira o livro **Campinas, município do Império** (São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1983), de Celso Maria de Mello Pupo, atuante e expressivo membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, da Academia Paulista de História e da Academia Campinense de Letras, e reconhecido como um dos mais criteriosos tratadistas da história de Campinas. Oferece-nos seu livro contribuição assaz significativa para a história social, apresentando-se-nos, ainda, como uma das mais belas realizações gráficas surgidas ultimamente.

O autor centraliza suas observações na Campinas imperial, mas transporta-nos inicialmente aos meados do século XVIII, quando Barreto Leme e seus companheiros, procedentes do vale do Paraíba, fixaram-se na região onde, já nos fins do setecentismo, surgiram os primeiros lineamentos do que veio a ser a grande cidade de nossos dias. Em linguagem agradável, perpassa por todos os ciclos sócio-econômicos que marcaram a mais que bissecular evolução de Campinas.

Enfatiza o autor, com minuciosa descrição, o espírito religioso, o meio rural e o urbano, a vida familiar e a política, os sesmeiros e latifundiários, os tipos das sedes rurais, os paços e palácios da cidade, os barões do café e sua vida pródiga, o mobiliário e os utensílios domésticos, o florescimento da indústria em Campinas.

Interessante sua observação no que tange à moradia no campo, “como uma imposição de trabalho, que acabou por transformar-se em hábito elegante dos grandes proprietários de Campinas, como de outras regiões paulistas... Sem qualquer vínculo legal do imóvel, ele mesmo vinculou sua vida e sua família às terras do engenho, e passou a viver do poderio de seu

imenso território, na comodidade de seus vastos solares. Depois o café mais aumentou seus haveres, levando-o para os sobrados urbanos” (p. 157/158).

Enfim, o que o autor procurou, fazer, em última análise, foi uma história do cotidiano, quase nos moldes dos volumes que integram a magnífica coleção francesa *La vie quotidienne*, tão conhecida dos estudiosos de História\*. Com pequenas modificações, que afetariam não tanto o conteúdo, mas, principalmente o método e a disposição da matéria, teria Mello Pupo elaborado uma obra que bem poderia intitular-se “A vida cotidiana em Campinas ao tempo do Império”. E sabemos nós que a história cotidiana, ao contrário do que parece à primeira vista, não é fácil, pois exige, além do espírito de pesquisa, o critério no tratamento das fontes, uma cuidadosa avaliação da documentação ilustrativa e, também, lúcido discernimento na apreciação dos valores.

O livro encerra excelente documentário, riquíssima iconografia, fotografias bem variadas, desde titulares do Império até sedes de fazenda e objetos de uso doméstico, além de extensa bibliografia. Parece-nos, de fato, ser a primeira vez que, numa pesquisa histórica referente a Campinas, se utilizam coleções particulares, inclusive do próprio autor. E quanto ao fato de ter-se o “filão” revelado magnífico, cremos não restar a menor dúvida.

Constitui-se, portanto, a nosso ver, num ponto de partida a todos os estudiosos da Ciência Histórica, que doravante tem a seu dispor valioso material para um reestudo da história campineira (como observamos de início), à luz do revisionismo historiográfico contemporâneo, atendendo aos critérios técnico-metodológicos que a Ciência nos impõe, naquela interação constante e interminável entre passado e presente.

---

(\*) Constante de mais de cem volumes, editados em Paris pela conhecida casa Hachette, a preciosa coleção “*La vie quotidienne*” foi, em boa parte, traduzida para nossa língua e editada em Lisboa por uma editora curiosamente denominada “Livros do Brasil”, mas que não podia circular no Brasil... Daí, a iniciativa valiosa de uma editora paulista (Companhia das Letras) em promover a publicação em nosso país de vários títulos da famosa coleção.